ISSN: 2358-8829

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PAÍSES IBERO-AMERICANOS: reverberações dos ciclos de debates

Andréa Kochhann [1]

Introdução

O mundo viveu o colapso da Pandemia, em 2020 e fez com que as relações passassem a serem mediadas por tecnologia. Por conta disso, desde 2020 a RIEX – Rede de Investigadores em Extensão Universitária foi se estabelecendo e, em 2026 conta com mais de 170 membros, de mais de 23 países, sendo a maioria da América Latina.

O objetivo maior da RIEX é o fortalecimento da extensão universitária, principalmente, com professores dos países da América Latina, pela construção de conhecimentos, divulgação de congressos e outras trocas acadêmicas, fomentado a internacionalização do saber.

Os objetivos institucionais e científicos da RIEX estruturam-se em três eixos centrais. O primeiro dedica-se à consolidação epistemológica e científica, investigando os fundamentos da extensão universitária para afirmá-la como ciência e práxis crítico-emancipadora, em superação a visões assistencialistas, utilitárias e eventistas.

O segundo volta-se à integração curricular e pedagógica, visando orientar a formação docente, subsidiar a articulação indissociável do tripé ensino-pesquisa-extensão e acompanhar o processo de curricularização da extensão na Educação Superior.

O terceiro abrange a cooperação e a socialização do conhecimento, articulando redes interinstitucionais de pesquisadores para a produção, o intercâmbio e a disseminação de saberes científicos socialmente referenciados (Goiás, 2026).

[1] Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados, Bolsista CAPES. Pós-doutora em Educação pela UFG e pela PUC-Goiás, Doutora em Educação pela UnB, Mestre em Educação pela PUC-Goiás, Especialista em Docência Universitária pela UEG, Pedagoga pela UEG. andrea.machado@ueg.br

Com esse panorama e de forma audaciosa, realizou-se uma pesquisa-ação-formativa, envolvendo professores de países ibero-americanos, em 2025 e 2026. Considerando a história, a política educacional e as práticas educativas, a extensão universitária vem se constituindo cada vez mais forte enquanto uma das funções substantivas da universidade, requerendo discussões sobre a temática.

Destarte, o objetivo desse texto é discutir sobre extensão universitária e socializar os ciclo de debates de 2025 e o ciclo formativo de 2026, realizados pelos membros da RIEX. Portanto, a metodologia da escrita do texto parte de referenciais teóricos que discutem a extensão e da experiência vivenciada com os ciclos.

Concepções de extensão universitária

A formação universitária transcende a qualificação técnica, possibilitando ao acadêmico uma transformação pessoal e social. Para além de preparar profissionais para o mercado de trabalho, a universidade deve formar cidadãos conscientes, críticos e participativos. Uma das vias fundamentais para consolidar essa formação é a extensão universitária que, conforme reitera Kochhann (2021), promove a formação acadêmica e a transformação social.

A relevância da extensão universitária transcende os muros das instituições de ensino formais e por isso a curricularização da mesma, enquanto obrigatoriedade, como no caso brasileiro, se torna importante para todos os cursos, seja de graduação ou pós-graduação.

A extensão universitária, enquanto dimensão indissociável do fazer acadêmico e historicamente consubstanciada, articula-se dialeticamente com o ensino e a pesquisa. Por conseguinte, reflete as contradições e disputas inerentes aos cenários socio-históricos, políticos e econômicos nos quais se insere (FORPROEX, 2012; Brasil, 1988; Brasil, 2018).

A reconstituição de seu percurso histórico traz à tona um campo epistemológico demarcado por tensões estruturais: de um lado, o modelo funcionalista e tecnocrático, pautado pela transferência unidirecional do saber e por ações pontuais; de outro, o paradigma crítico-emancipador, ancorado no diálogo intercultural e na ecologia de saberes (Freire, 1977; Santos, 2010).

De sobremaneira, discutir sobre extensão universitária perpassa por conhecer as concepções que a sustenta. A América Latina constituiu uma concepção singular de extensão, diferindo substancialmente dos modelos europeus e anglo-saxões ao vinculá-la indissociavelmente à responsabilidade social, à democratização do saber e à transformação estrutural das sociedades regionais. Cabe ressaltar que essa concepção foi mudando pouco a pouco, visto que a invasão cultural de Portugal e Espanha, forçaram a implementação de seus conceitos.

Na Europa, a chamada terceira missão esteve prioritariamente orientada à transferência de tecnologia e inovação para o mercado corporativo, a América Latina ergueu uma concepção de extensão umbilicalmente ligada às lutas sociais, à democratização do conhecimento e à emancipação humana.

Historicamente marcada por profundas assimetrias socioeconômicas, dependência estrutural e regimes autoritários, a região demandou das suas instituições de ensino superior uma postura que ultrapassasse os muros do enclavamento acadêmico. Contudo, a trajetória da extensão latino-americana não se desenvolveu de forma linear ou pacífica; constitui, ao contrário, um campo epistemológico permeado por tensões contínuas entre correntes antagônicas.

De um lado, posiciona-se a perspectiva funcionalista, higienista e tecnocrática, pautada pela difusão unilateral do conhecimento científico e pela prestação pontual de serviços a comunidades vulnerabilizadas. De outro, emerge a concepção crítico-emancipadora, ancorada na dialogicidade, no reconhecimento dos saberes populares e na transformação das estruturas de opressão.

A ruptura conceitual mais vigorosa com o modelo difusionista ocorreu a partir das contribuições do educador brasileiro Paulo Freire. Freire (1977) realizou uma crítica severa ao próprio conceito semântico de "extensão", argumentando que a palavra sugere a ação de estender, levar ou transferir algo a alguém desprovido desse conteúdo, configurando uma forma de "invasão cultural".

Freire (1977) opôs o conceito de *extensão* ao de *comunicação*. Para o autor, o ato pedagógico e de socialização do saber autêntico exige uma relação interpessoal dialógica, em que ambos os sujeitos (acadêmicos e sujeitos populares) aprendem juntos mediados pelo mundo. A extensão, sob a perspectiva freireana, transforma-se em práxis libertadora: uma reflexão e ação dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-lo.

Nas últimas décadas, a reflexão latino-americana incorporou referenciais das Epistemologias do Sul, destacando-se as elaborações de Santos (2010) e de Tommasino e Cano (2016). Para os autores, diante do avanço das lógicas privatistas e mercantilistas na Educação Superior, a salvaguarda e o aprofundamento da Extensão Crítica posicionam-se não apenas como uma escolha metodológica, mas como um imperativo ético e político para o fortalecimento da democracia e da soberania social na América Latina.

O que se percebe é que existem várias nomenclaturas para o que aqui denominamos de extensão universitária. Para Valenzuela (2022) a diversidade de nomenclaturas para nomear a relação entre a universidade e a sociedade na América Latina reflete diferentes origens históricas, contextos geopolíticos e concepções epistemológicas.

Valenzuela (2022) destaca que, embora as Instituições de Ensino Superior (IES) desempenhem a mesma função substancial ao se articularem com o meio externo, a terminologia varia significativamente por região e tradição acadêmica.

A terminologia extensão universitária é o termo histórico e hegemônico no Sul do continente, como Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. É fortemente ancorado na tradição da Reforma de Córdoba (1918), associado à autonomia, ao compromisso social e à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A terminologia projeção social é a nomenclatura amplamente difundida na Colômbia, no Peru e em países da América Central. Para a autora este termo enfatiza a projeção e a irradiação da universidade em direção ao tecido social e comunitário.

A terminologia vinculação com o meio ou vinculação social, predomina no México, Chile e Equador. O termo enfatiza a relação de reciprocidade, transferência, inovação e diálogo de interesses entre a universidade, o setor produtivo, os governos e a sociedade civil.

A terminologia ação social é uma denominação específica de instituições como a Universidad de Costa Rica (UCR), pautada pela atuação transformadora direta nos territórios e comunidades vulneráveis.

A terminologia terceira missão é importada do modelo europeu e anglo-saxão, que busca categorizar as atividades que ultrapassam a formação (primeira missão) e a pesquisa (segunda missão). A autora discute o risco de este termo reduzir a atuação

universitária a uma função secundária ou puramente mercadológica, com a transferência de tecnologia e prestação de serviços corporativos.

A par dessa discussão, considerando a singularidade de cada país e seu processo histórico que foi sendo constituído ao longo dos anos, bem como a discussão dos teóricos aqui apresentados, é possível inferir que essa pluralidade terminológica traz desdobramentos práticos para o cenário acadêmico.

Um deles é o desafio da comparabilidade e avaliação, pois a coexistência de termos como "extensão", "projeção" e "vinculação" dificulta o estabelecimento de indicadores homogêneos de impacto social e internacionalização na América Latina. O outro é a necessidade de diálogo interinstitucional, no sentido de uma construção de conceitos transversais que respeitem as particularidades locais, sem perder o horizonte do compromisso social e da práxis libertadora como traços identitários da universidade latino-americana.

Ciclos de debates e formativos sobre extensão universitária

Para discutir a construção de conhecimentos por meio da extensão universitária ibero-americana, é preciso considerar em cada país, apresenta sua singularidade perante sua complexidade e, múltiplas determinações.

O embasamento teórico dos ciclos foram na concepção freiriana. Os ciclos problematizaram as concepções, os sentidos e as produções da extensão universitária em cada país, somado a esses pontos, também foi debatido sobre o processo de inserção curricular e o atendimento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Cada ciclo teve duração de 2 horas. Entre abril a novembro de 2025 ocorreram os ciclos, com participação de 36 pesquisadores de 18 países, tais sejam: Brasil, Panamá, Costa Rica, Equador, Uruguai, Argentina, México, Venezuela, Guatemala, Colômbia, Cuba, Portugal, Espanha, Honduras, El Salvador, Chile, Peru e Nicarágua.

Contudo, tivemos a participação de mais 2 professores que foram convidados pelos palestrantes a integrarem a discussão. Ademais um dos pesquisadores representa um país da América Latina (Peru) e também da Europa (Suécia). Assim, totalizaria 38 pesquisadores e 19 países. Após a apresentação de cada participante do ciclo, iniciava-se a rodada das questões para o diálogo coletivo.

A primeira questão foi sobre a concepção e o sentido da extensão universitária para cada pesquisador ou sua instituição ou seu país, enquanto função substantiva e estruturante da universidade. A segunda questão foi sobre a existência de uma política de regulamentação inserção curricular, organicidade e efetivação da extensão universitária. A terceira pergunta foi sobre a relação dos projetos de extensão efetivados com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, da Agenda 2030.

Interessante frisar que os participantes que assistiam pelo *google meet* ou pelo canal do *youtube*, faziam seus comentários nas mensagens e a mediadora trazia a questão para o diálogo. Os ciclos foram gravados, transcritos e analisados de forma que as falas dos participantes permitiram a emergência de categorias.

Os resultados dos ciclos de debates, fomentaram a constituição de dez (10) categorias de análises: 1. Concepções e sentidos, 2. Indissociabilidade, 3. Formação e trabalho docente, 4. Regulamentação e autonomia, 5. Materialização, 6. Atendimento aos ODS, 7. Indicadores de efetividade, 8. Financiamento, 9. Internacionalização e, 10. Política e economia.

É possível alegar que as categorias são constituintes de um processo histórico, político, econômico e até mesmo cultural, que ora recua e ora avança, em prol das classes subalternas. Essa constituição se faz de maneira transversalizada, em que uma categoria influencia na constituição da outra, seja de maneira direta ou indireta.

As análises das categorias possibilitaram afirmar que em todos os países, considerando os partícipes da pesquisa, é necessária uma constante formação dos professores sobre extensão universitária, priorizando seus elementos, como: a) interação social dialógica; b) indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão; c) interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade; d) interprofissionalidade; e) impacto na formação acadêmica; e, f) produção científica.

Ao analisar a fala dos pesquisadores de países ibero-americanos sobre a extensão universitária e considerando as categorias emergidas dos ciclos de debates, fica evidenciado o potencial que essas atividades têm no sentido de construção de conhecimentos em parceria – fortalecendo a internacionalização do conhecimento produzido. Ademais, os ciclos de debatem evidenciaram a necessidade de mais diálogos para fortalecimento da extensão universitária e conquistas dos elementos que ainda se constitui fragilizados. Ante a isso, uma das questões pontuais foi que em todos os países

ainda se faz necessária uma constante formação sobre extensão universitária, seja com gestores, professores ou estudantes. Eis, que emerge a necessidade de um novo ciclo.

Em atendimento aos princípios da RIEX, foi organizada para 2026, outra pesquisa-ação-formativa, que se configurou por 11 ciclos formativos, envolvendo países ibero-americanos. Os ciclos foram de duas horas e transmitidos via *You Tube.* Os nove primeiros ciclos formativos foram com um palestrante ibero-americano e os dois últimos foi com 10 palestrantes para socializarem projetos de extensão exitosos em seu país.

Os temas dos ciclos se constituíram de elementos voltados para a compreensão do conceito e sentido da extensão universitária, tais sejam: 1. Pesquisa, 2. Dialogicidade, 3. Práxis, 4. Crítica, 5. Pós-Graduação, 6. Internacionalização, 7. Indissociabilidade, 8. Avaliação, 9. (Cons)Ciência, 10 e e 11. Relatos de experiências exitosas.

As discussões dos ciclos formativos, possibilitam dizer que um projeto de extensão dialógico, processual e orgânico, alicerçado na práxis e na pesquisa, fomenta a autoria, crítica e emancipação, desenvolvendo a consciência cidadã e a ciência, que pode realizar o movimento de internacionalização de saberes, fortalecendo a área.

Por isso, segundo as discussões dos ciclos as instituições, devem realizar a inserção curricular da mesma, tanto em cursos de graduação quanto de pós-graduação, em formato de projetos de extensão e não em disciplinas rígidas, para não perder a flexibilidade e a dinamicidade própria da extensão universitária.

Considerações

Espera-se que os ciclos formativos, permitam a mudança de pensamento ou fortalecimento de conceitos sobre extensão universitária, dos que estão participando da formação e, contribuir para o rompimento de paradigmas pragmáticos sobre a extensão universitária. Pois, a extensão universitária tem como princípio a formação sólida do estudante e a transformação social das classes menos favorecidas.

Conclui-se que a extensão universitária na América Latina, mesmo ainda com respingos da invasão de Portugal e Espanha, se consolida não como mera prestação de serviços ou apêndice acadêmico, mas como práxis político-pedagógica e campo epistemológico em permanente disputa frente às pressões mercantilistas e tecnocráticas.

O percurso analisado demonstra que a extensão universitária não pode ser reduzida nem à caridade assistencialista nem ao utilitarismo de mercado. Sua verdadeira essência latino-americana reside na afirmação de um projeto público de universidade que reconhece na alteridade e no diálogo intercultural os fundamentos para a produção de um conhecimento emancipador.

Com esse interim, as redes de cooperação e as atividades formativas podem reverberar não somente na formação de professores, mas na transformação das sociedades de forma em geral. Destarte, a RIEX, enquanto uma rede que agrega pesquisadores de vários países ibero-americanos e também africanos, visa desempenhar o papel de mediadora de saberes socialmente referenciados.

Conclui-se pelos ciclos de debates e formativos a necessidade de uma nova formação para 2027, mas com os gestores das instituições de ensino superior, pois são estes quem deliberam muitas vezes sobre os currículos, financiamento, avaliação institucional, movimento de internacionalização e outros elementos. Caso estes não tenham um sólido conhecimento sobre extensão universitária, as decisões podem ser equivocadas quando se refere à questão. Visto que não adianta somente os professores dominarem a temática, é necessário que os gestores também dominem.

Palavras-chave: Extensão universitária, Formação de Professores, Concepção freiriana, Países ibero-americanos.

Referências

BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília: MEC, 2018.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KOCHHANN, Andréa. **A epistemologia da extensão universitária**: constructos iniciais. Goiânia: Kelps, 2022.

ISSN: 2358-8829

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TOMMASINO, Humberto; CANO, Agustín. Avances y desafíos de la extensión universitaria en la UNELAR y en América Latina. **Revista de la Educación Superior**, v. 45, n. 177, p. 109-126, 2016.

VALENZUELA, Sylvia María tOVAR. **Hitos de la Extensión Universitaria**: un camino con más de 150 años de historia. Managua: Editorial Universitaria UNAN-Managua, 2022.